

A “homossexualidade patológica” nos romances *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, e *O bom-crioulo*, de Adolfo Caminha

“Pathological homosexuality” in the novels *O cortiço*
by Aluísio Azevedo and *Bom-Crioulo* by Adolfo Caminha

JOÃO ARTUR RODRIGUES FERNANDES
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
E-mail: arturfernandes986@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de apresentar a forma como a homossexualidade é tratada em dois romances naturalistas: *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, e *O bom-crioulo*, de Adolfo Caminha. Para tanto, foram analisadas as personagens Pombinha e Aleixo, respectivamente de *O cortiço* e de *Bom-Crioulo*. Desse modo, foi possível observar como os preceitos deterministas atribuem à influência do meio os comportamentos homossexuais das personagens. Sob esse olhar, portanto, a homossexualidade é vista como uma patologia que contamina os indivíduos e os desviam de um caminho tido como normal.

Palavras-chave: Naturalismo; homossexualidade; *O cortiço*; *O bom-crioulo*.

Abstract: This work aims to present how homosexuality is treated in two naturalistic novels: *O cortiço* by Aluísio Azevedo and *O bom-crioulo* by Adolfo Caminha. To this end, the characters Pombinha and Aleixo, respectively from *O cortiço* and *O bom-crioulo*, were analyzed. This analysis allowed for the observation of how determinist principles attribute homosexual behaviors of the characters to environmental influences. From this perspective, therefore, homosexuality is seen as a pathology that contaminates individuals and deviates them from a path considered normal.

Keywords: Naturalism; homosexuality; *O cortiço*; *O bom-crioulo*.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os romances *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, e *O bom-crioulo*, de Adolfo Caminha, foram publicados em 1890 e 1895, respectivamente. Essas obras estão inseridas no naturalismo brasileiro e, por isso, trazem, dentre tantas outras coisas, o homem como resultado do meio, reduzido, para tanto, a um nível animal. Tal animalização se dá, sobretudo, por meio dos institutos sexuais, tendo em vista a linguagem crua e direta com a qual as obras tratam de temáticas sexuais.

O romance naturalista, assim, estabelece uma unidade entre entidades que antes eram tomadas de forma separada, a exemplo do elevado e do grotesco, deixando de ser meramente prazeroso e tornando-se um instrumento de intervenção social (Franchetti, 2022). Contudo, embora reconheça a existência daquilo que é marginal, o

escritor naturalista acredita que isso deva acabar, pois somente assim o país poderá se constituir como uma grande nação, tomando como exemplo as sociedades europeias.

Os elementos periféricos que preenchem os romances, dessa forma, não são colocados num posto de louvor, mas de julgamento, haja vista que são eles os responsáveis pela degradação da nação. É por isso que, como afirma Süsskind (1984, p. 43), a estética naturalista funciona no sentido de representar uma identidade para o país, apagando, por meio da ficção, as divisões e as dúvidas.

Nesse viés, a homossexualidade se manifesta como um desses elementos apontados pelos naturalistas. Em *O cortiço*, a relação lésbica entre Léonie e Pombinha não é dada como natural, mas como uma forma de ressaltar a influência que o meio exerce na corrupção das pessoas. Ao evidenciar isso, tal relação é apontada como uma anormalidade, devendo, para tanto, ser corrigida.

Em *O bom-crioulo*, a relação sexual entre Amaro e Aleixo parece ser vista com certa naturalidade, pois, conforme defende Parron (2022, p. 1180), é “[...] descrita em termos iguais aos usados na caracterização do amor heterossexual”. No entanto, nessa relação, Aleixo é colocado, várias vezes, em um espaço de marginalidade, principalmente por sofrer uma constante feminização.

Portanto, tal qual uma patologia, a homossexualidade é entendida, nessas obras, como um elemento que contamina um organismo saudável, adoecendo-o. À vista disso, Aleixo e Pombinha, ambos inicialmente tidos como inocentes e delicados, são *transformados*, em virtude dos relacionamentos atípicos com as personagens homossexuais das narrativas, dado que, de acordo com Franchetti, (2022, p. 47), para o naturalismo, “[...] o homem é compreendido principalmente como um organismo determinado [...] pelo meio em que se move”.

2 A CAUSA DA PERDIÇÃO DE POMBINHA

No romance *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, a personagem Pombinha é descrita como “[...] a flor do cortiço. [...] Bonita, posto que enfermiça e nervosa ao último ponto; loura, muito pálida, com uns modos de menina de boa família” (Azevedo, 2018, p. 45). Além da bela aparência e dos bons modos, a educação e a solicitude fazem de Pombinha “[...] querida por toda aquela gente” (Azevedo, 2018, p. 46), já que era ela “[...] quem lhe escrevia as cartas; quem em geral fazia rol para as lavadeiras; quem tirava as contas; quem lia o jornal para os que quisessem ouvir” (Azevedo, 2018, p. 46). Logo, percebe-se que a jovem surge quase como que desconexa do espaço em que vive, haja vista que a sua figura destoa do que é observado nos demais habitantes da estalagem.

Nesse sentido, fica nítida a oposição entre o cortiço e a moça, uma vez que as qualidades dela são contrárias às tantas imundícies, ignorâncias e selvagerias desse cortiço. Outro fator que põe Pombinha em um espaço de superação de sua condição, isto é, para além de residente do cortiço, é a possibilidade de ascensão proporcionada pelo futuro casamento com o seu noivo, João da Costa, um “[...] moço do comércio, estimado do patrão e dos colegas, com muito futuro” (Azevedo, 2018, p. 45), e que, “[...] bem empregado como se achava em casa de um tio seu, de quem mais tarde havia de ser sócio, tencionava, logo que mudasse de estado, restituí-las ao seu primitivo círculo social” (Azevedo, 2018, p. 45).

Entretanto, há um impasse que impossibilita a concretização da relação entre os dois jovens. Dona Isabel, mãe da moça, não quer que o casamento ocorra antes de Pombinha menstruar, já que, com seus quase dezoito anos, ainda “[...] não tinha pago à natureza o cruento tributo da puberdade” (Azevedo, 2018, p. 45). O sofrimento de Pombinha e, conseqüentemente, de sua mãe e de seu noivo torna-se pauta comum ao cortiço, de modo que todos os dias haja quem pergunte “Então? já veio?” (Azevedo, 2018, p. 46) ou, ainda, sugira possíveis soluções para a aflição da jovem: “Por que não tenta os banhos de mar? — Por que não chama outro médico?” (Azevedo, 2018, p. 46).

A angústia de Pombinha em relação ao primeiro mês, todavia, só se encerra após a jovem ser abusada sexualmente por Léonie, “[...] uma cocote de trinta mil-réis para cima, [...] com sobrado na cidade. Procedência francesa” (Azevedo, 2018, p. 42). Léonie, então, sedenta por possuir a donzela, ignora protestos, súplicas e lágrimas, “[...] fechando-a entre os braços, como entre duas colunas; e pondo em contato com o dela todo o seu corpo nu” (Azevedo, 2018, p. 193). Todavia, apesar da resistência inicial, Pombinha se deleita com o prazer que a cocote lhe apresenta e proporciona, visto que “[...] espolinhava-se toda, cerrando os dentes, fremindo-lhe a carne em crispações de espasmo” (Azevedo, 2018, p. 194). A luxúria de Léonie, por outro lado, fazia com que ela descesse a um nível mais animalesco, chegando até a soltar *corcovos de égua*.

Passado o gozo, Pombinha se vê consternada com o episódio. Alguns dias após, contudo, felicita-se com a sua tão esperada transformação em mulher, que, depois de algumas dores uterinas, lança-se ao mundo sob a forma de uma *floresta vermelha*. Pombinha, por isso, entra em conflito, pois, ao mesmo tempo que “pungia-lhe na brancura da alma virgem um arrependimento incisivo e negro das torpezas da antevéspera” (Azevedo, 2018, p. 199), era “[...] lubrificada por essa recordação, toda a sua carne ria e rejubilava-se, pressentindo delícias que lhe pareciam reservadas para mais tarde, junto de um homem amado [...]” (Azevedo, 2018, p. 199).

Percebe-se, assim, que, além da menstruação, a relação homossexual com a cocote trouxe a Pombinha outras perspectivas de mundo, sobretudo no que diz respeito ao prazer feminino e ao poder que as mulheres são capazes de exercer sobre a figura masculina, fazendo-a, inclusive, enxergar o homem como um “[...] escravo ridículo que, para gozar um pouco, precisava tirar da sua mesma ilusão a substância do seu gozo” (Azevedo, 2018, p. 211). Pombinha, dessa forma, despertada pela relação com a prostituta lésbica, começa a ter, subitamente, indícios de uma promiscuidade que a leva a reconhecer-se como uma dominadora nos jogos de sedução, abusando da incessante busca dos homens por prazer. Quebra-se, portanto, a imagem idealizada que se construía acerca da jovem antes da “corrupção” promovida por Léonie. A pobre flor do cortiço, enfim, desabrochara.

Contudo, ainda que tal quebra ocorra em decorrência de um “ato desnatural”, verifica-se que Pombinha sofre uma “[...] redução voluntária ao natural, ao elementar comum, que nivela o homem ao bicho, enquanto organismos sujeitos ambos às leis decorrentes de sua estrutura” (Candido, 1995, p. 145). Assim, tendo em vista que “a redução à animalidade decorre da redução geral à fisiologia” (Candido, 1995, p. 146), Pombinha, tão pura, boa e virtuosa, acaba sofrendo uma mudança, uma conversão que faz com que ela aja como se fosse uma “[...] síntese das funções orgânicas” (Candida,

1995, p. 146). Agora, “sua vida celebra o prazer físico e os desejos lascivos” (Levin, 2022, p. 866).

As expectativas de ascensão, por seu turno, decaem junto com a decência da jovem, pois, embora o casamento de Pombinha com João da Costa ocorra, com todos os luxos e pompas a que se tem direito, a moça não mais dispõe da inocência de outrora. Já casada, põe-se a trair o esposo, que, injuriado, devolve-a à mãe. Pombinha entrega-se, por fim, a uma vida de prostituição, vivendo “[...] num hotel com Léonie” (Azevedo, 2018, p. 344). Vê-se, desse modo, que “[...] a serpente vencia afinal” (Azevedo, 2018, p. 344). Nesse caso, Léonie surge como a própria serpente que, tal qual a do paraíso, corrompe aquela que era isenta do pecado, levando-a a uma vida fadada à devassidão. Tem-se, aqui, dessa forma, como afirma Levin (2022, p. 866), “[...] uma mescla proposital de referências biológicas com símbolos da tradição cristã”.

3 A HOMOSSEXUALIDADE ADQUIRIDA DE ALEIXO

Já no romance *O bom-crioulo*, de Adolfo Caminha, o personagem Aleixo é apresentado como “[...] um belo marinheiro de olhos azuis, muito querido por todos e de quem diziam-se ‘coisas’” (Caminha, 2019, p. 15). Dado que “era filho de uma pobre família de pescadores que o tinham feito assentar praça em Santa Catarina, e estava-se pondo rapazinho” (Caminha, 2019, p. 25), Aleixo colhia cabos e areava metais na corveta. O jovem, de apenas 15 anos, logo chama a atenção de Amaro, o Bom-Crioulo, “um latagão de negro, muito alto e corpulento, figura colossal de cafre” (Caminha, 2019, p. 13), que “[...] estimava o grumete e tinha certeza de o conquistar inteiramente, como se conquista uma mulher formosa” (Caminha, 2019, p. 15). De fato, não demora muito para que Amaro ganhe a confiança e a amizade do moço, alcançando tal feito ao se oferecer às chibatadas por causa do grumete. Agora, obtida a tão desejada amizade, Amaro tem todos os seus pensamentos voltados para Aleixo, de modo que o seu “[...] espírito debatia-se, como um pássaro agonizante, em torno dessa única idéia — o grumete [...]” (Caminha, 2019, p. 27).

A relação, à vista disso, era respaldada por um forte desejo de Amaro de possuir o jovem, “[...] como se ele fora de outro sexo” (Caminha, 2019, p. 28). Por essa razão, nota-se que Aleixo é constantemente posto em um espaço feminino, pois “parecia uma menina com aquele traje” (Caminha, 2019, p. 31), além do fato de Amaro procurar, a todo instante, “[...] ‘educar’ a sexualidade do grumete como se ela fosse um barro vital” (Parron, 2022, p. 1185). Todavia, embora tivesse um incessante desejo de *possuir, ter junto a si, amar e gozar* o jovem marujo, Amaro pensava que “não valia a pena sacrificar o grumete, uma criança...” (Caminha, 2019, p. 29, grifos nossos). Os impulsos naturais, entretanto, falam mais alto, de maneira que Amaro não consegue controlá-los. Realiza-se, portanto, “[...] o delito contra a natureza” (Caminha, 2019, p. 40), quando os dois marinheiros têm a primeira relação sexual.

Uma vez selada a união, Amaro promete ao jovem uma vida a dois, com direito a um quarto na Rua da Misericórdia, no Rio de Janeiro, para quando estiverem em terra firme. O aposento fica na casa de Dona Carolina, “[...] uma portuguesa que alugava quartos na Rua da Misericórdia somente a pessoas de ‘certa ordem’, [...] rapazes de confiança, bons inquilinos, patrícios, amigos velhos...” (Caminha, 2019, p. 49). Dona

Carolina, que conhecia o Bom-Crioulo e tinha para com ele uma dívida de gratidão, logo o aceita e concede-lhe o quarto, recebendo muito bem os dois amantes em seu sobrado. A vida parecia correr bem, até que o grumete passa a incomodar-se com os desejos luxuriosos de Amaro, que “[...] não se contentava em possuí-lo a qualquer hora do dia ou da noite” (Caminha, 2019, p. 55), obrigando-o, ainda, a determinados excessos, como se o jovem fosse uma *mulher à toa*.

Há, no entanto, um estorvo que impossibilita a continuidade da relação homoafetiva dos dois marinheiros, pois Amaro é transferido para servir em outro navio e os dois amantes não conseguem mais se encontrar. Assim, Dona Carolina e Aleixo passam a viver sozinhos na morada da Rua da Misericórdia. Agora, acompanhado apenas de uma mulher, Aleixo sofre uma transformação ao se envolver sexualmente com a portuguesa. O grumete, desse modo, “passa do complacente parceiro passivo numa relação homossexual para o papel ativo numa relação heterossexual” (Howes, 2005, p. 185).

À vista disso, é possível notar que, em presença de Amaro, um homossexual, Aleixo ocupa um espaço de passividade em uma relação homoafetiva, ao passo que, em presença de Dona Carolina, uma mulher heterossexual, o jovem assume o posto de ativo do relacionamento, não estando mais no ambiente do *feminino*, como antes, mas ocupando agora o status de *homem* da relação. Vê-se, assim, que “Aleixo pode ser interpretado como um exemplo da homossexualidade adquirida” (Howes, 2005, p. 184), uma vez que a sua homossexualidade “[...] é construída por Bom-Crioulo e desconstruída por Dona Carolina durante o romance” (Howes, 2005, p. 187).

Aleixo passa, dessa maneira, de *alguém de quem se diziam coisas a um jovem cuja virilidade apenas começara a destoucar-se*, tudo graças ao processo masculinizante que sofre em decorrência da relação heterossexual com Dona Carolina (Parron, 2022, p. 1186). O grumete, então, deixa de ser o objeto de piadas e provocações e passa a levar uma vida mais próxima do “comum”, já que agora “estava gordo, forte, sadio, muito mais homem, apesar da pouca idade que tinha, os músculos desenvolvidos como os de uma acrobata, o olhar azul penetrante, o largo rosto queimado” (Caminha, 2019, p. 104-105).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se percebe nos dois romances naturalistas são visões um tanto quanto divergentes da homossexualidade, mas que, na prática, apresentam uma consequência convergente — a marginalização das personagens que são *acometidas* pela homossexualidade de outras personagens. Nesse caso, Pombinha e Aleixo sofrem um *contágio homossexual* consequente de suas relações com Léonie e Amaro, respectivamente.

A homossexualidade é enxergada, portanto, por um viés patológico, no sentido de que é adquirida por meio de contato, convivência e/ou relação com uma personagem homossexual ou, ainda, levando em conta a degradação e o ostracismo que ela proporciona após esse contágio.

Tem-se, então, a relação homossexual como *ato desnatural* e *delito contra a natureza*, pois Pombinha é levada a “[...] afirmar sua identidade feminina na escolha da prostituição” (Levin, 2022, p. 866), enquanto Aleixo transita, ao longo da narrativa, entre

o feminino, quando se relaciona com Amaro, e o masculino, quando se relaciona com Dona Carolina. Tudo isso evidencia que, em ambos os romances, a influência do meio e da “[...] ocasião faz e desfaz a homossexualidade” (Parron, 2022, p. 1187).

Nos dois casos, por essas razões, a homossexualidade se configura como uma condicionante avessa que contamina e marginaliza os indivíduos, afastando-os, conseqüentemente, de uma visão idealizada de normalidade.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, A. **O cortiço**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018.

CAMINHA, A. **O bom-crioulo**. 2. ed. São Paulo: Iba Mendes, 2019.

CANDIDO, A. De cortiço a cortiço. *In*: CANDIDO, A. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas cidades, 1995.

FRANCHETTI, P. Introdução. *In*: TEIXEIRA, I.; SALLA, T. M. (orgs.). **Naturalistas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

HOWES, R. Raça e sexualidade transgressiva em Bom-Crioulo de Adolfo Caminha. **Graphos**, João Pessoa, v. 7, n. 2/1, p. 171-190, 2005.

LEVIN, O. M. A estalagem e a república. *In*: TEIXEIRA, I.; SALLA, T. M. (orgs.). **Naturalistas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

PARRON, T. Além das expectativas, aquém das convenções: naturalismo e homossexualidade em Bom-Crioulo. *In*: TEIXEIRA, I.; SALLA, T. M. (orgs.). **Naturalistas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

SÜSSEKIND, F. Uma ideologia estética: o naturalismo. *In*: SÜSSEKIND, F. **Tal Brasil, qual romance?**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.